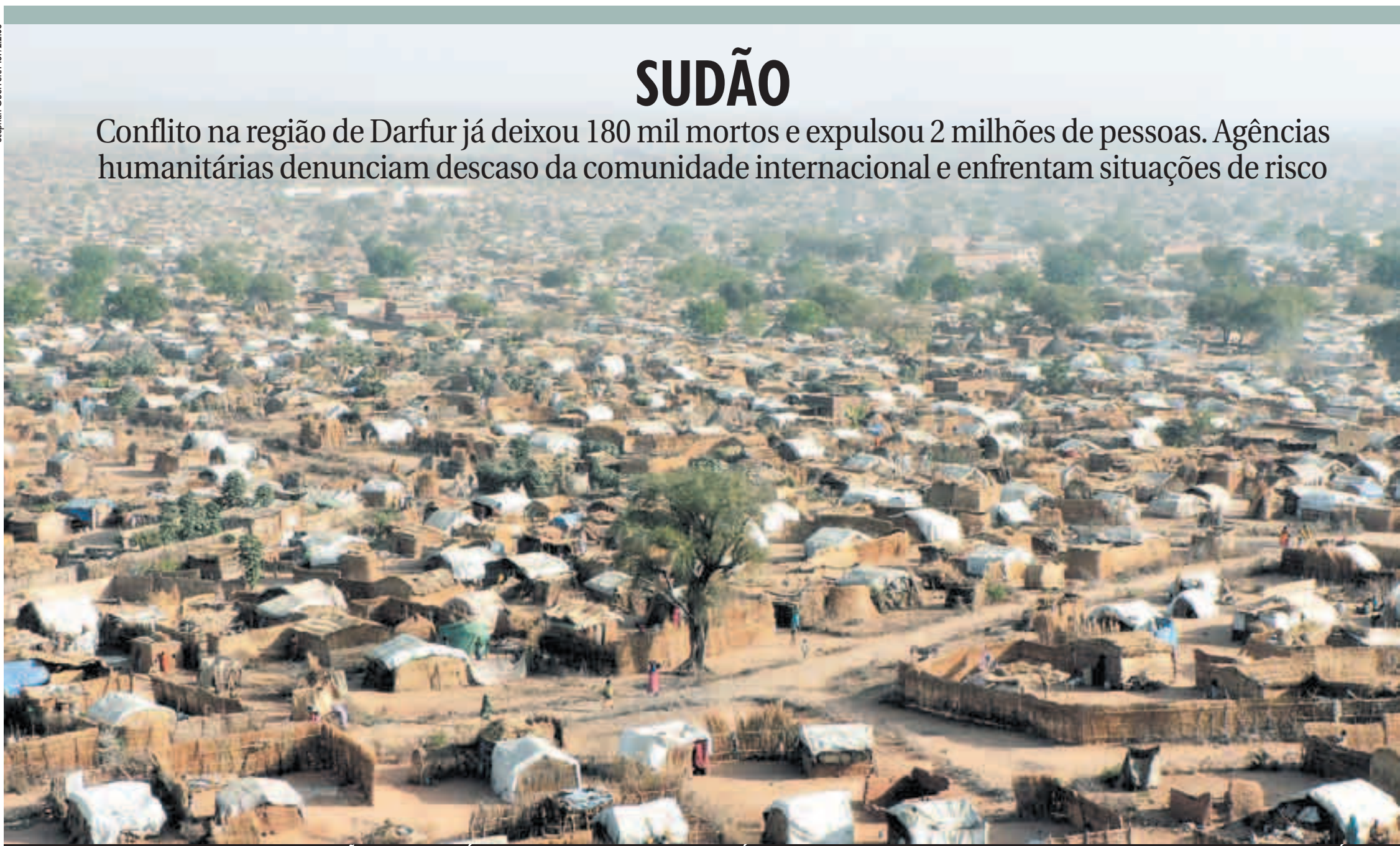


SUDÃO

Conflito na região de Darfur já deixou 180 mil mortos e expulsou 2 milhões de pessoas. Agências humanitárias denunciam descaso da comunidade internacional e enfrentam situações de risco



CAMPO DE DESLOCADOS INTERNOS, EM DARFUR: EM SITUAÇÃO DE EXTREMA MISÉRIA, MORADORAS QUE SE ARRISCAM A BUSCAR ÁGUA OU COMIDA NAS REDONDEZAS ACABAM SENDO ESTUPRADAS OU ASSASSINADAS PELOS MILICIANOS ÁRABES

Vítimas da barbárie

RODRIGO CRAVEIRO
 DA EQUIPE DO CORREIO

missão. Para muitos, esta é a palavra certa para descrever a reação do mundo ao que ocorre em Darfur, no oeste do Sudão. Mesmo após a assinatura de um acordo para pôr fim ao conflito interno, a região africana do tamanho da França ainda é palco de barbárie. O medo e a incerteza imperam em meio aos 3,5 milhões de não-árabes que insistem em viver ali. Quando o sol se põe, os moradores se preparam para uma visita macabra. Supostamente apoiados pelo governo de Cartum, os milicianos árabes — conhecidos como Janjaweed — chegam montados a cavalos. “Eles executam os homens e estupram as mulheres. Depois, queimam, pilham e arrasam o que restou da comunidade”, revela a norte-americana Hillary Roxe, porta-voz da organização não-governamental (ONG) Catholic Relief (Ajuda Católica) na África. Desde o início do conflito, em 2003, 180 mil pessoas foram executadas. A violência forçou 2 milhões de sudaneses a fugirem da morte, rumo a campos de deslocados e a outras áreas do país situado no leste da África. Outros 200 mil buscam abrigo na fronteira com o Chade. Quem ficou em Darfur depende de assistência humanitária para sobreviver.

Algumas entidades contrariam todas as lógicas e tentam fornecer o mínimo de dignidade às vítimas da guerra. Mas a ajuda tem encontrado vários obstáculos... E, apesar do trabalho de entidades independentes, a comunidade internacional se mantém impassível diante da carnificina. No último dia 8, o secretário-geral para Assuntos Humanitários da ONU, Jan Egeland, teve de sair às pressas do campo de Kalma, onde vivem 90 mil refugiados. Pelo menos mil pessoas protestavam no local, exigindo uma força de paz das Nações Unidas na região. Alguém gritou que um intérprete da comitiva era membro da milícia Janjaweed. A multidão atacou a comitiva, mas ninguém se feriu. Kalma se tornou o símbolo do sofrimento em Darfur e mais se assemelha a uma prisão sem grades. “Muitas mulheres que tentam deixar os campos humanitários em busca de água ou lenha são freqüentemente espancadas ou estupradas”, diz Hillary. Ajuda é a palavra-chave para esse povo sofrido. “Não há engajamento de esforços para se chegar a uma solução em Darfur; a crise é muito séria”, alerta a belga Kristel Erbekens. Em entrevista ao Correio, por telefone, de Cartum, a chefe da missão de Médicos Sem Fronteiras (MSF) no Sudão traçou um retrato preocupante das condições de vida na



área. Segundo ela, os confrontos nômades se dividem por quatro grandes áreas de Darfur. “Ainda há ataques perpetrados pelos Janjaweed. Além disso, a fome atinge muitos sudaneses”, conta.

Epidemia
 Mesmo sob ameaça de estupro e assassinatos, alguns moradores insistem em tentar voltar para casa — o que quase sempre acaba

em tragédia. Desvinculada de propósitos políticos, a MSF mantém 100 voluntários na região. Trata-se da maior operação da entidade em andamento em todo o mundo. “Nós tentamos reduzir a mortalidade, oferecendo assistência médica à população”, explica Kristel. “Também lutamos para minimizar os riscos de epidemias e colocamos em prática um programa de alimentação.” A

fome predomina em Darfur. Frente à insegurança e aos ataques contra comboios de ajuda humanitária, a ONU se viu obrigada a cortar pela metade a distribuição de comida. A própria MSF foi forçada a reduzir consideravelmente suas atividades na área. Sem perspectivas de retomar a rotina, milhares de pessoas se tornam presas de graves doenças. “A incidência de epidemias diminuiu depois que as ONGs melhoraram as condições sanitárias”, reconhece Kristel. No entanto, ela alerta que muitos darfurianos apresentam infecções, meningite e diarreia. Os médicos temem que um surto de malária ocorra muito em breve. Natural de Darfur, o professor Ali B. Dinar — presidente da Associação de Estudos sobre o Sudão — não economiza palavras ao falar sobre o acordo de paz assinado na semana passada por Cartum e por rebeldes (leia matéria ao lado). “Se o governo sudanês fosse realmente sincero em terminar com a guerra, nem a teria começado.” De acordo com ele, a situação em Darfur é perigosa e instável. “As pessoas são impedidas até de plantar e dependem de ajuda externa. A falta de doações tem resultado em escassez de comida.” Sem alimentos e sem a proteção de tropas de paz da ONU, os cidadãos lutam para preservar o que lhes resta de mais sagrado: a vida.

Protestos matam seis

DA REDAÇÃO

Seis pessoas morreram no último sábado em Darfur, em confrontos registrados entre a polícia e manifestantes contrários ao acordo de paz assinado no último dia 5 de maio, informaram ontem fontes ligadas ao governo de Cartum. Os enfrentamentos mais violentos ocorreram em torno dos campos de refugiados situados no sul de Darfur, deixando pelo menos três mortos. O tumulto começou quando manifestantes lincharam um agente do serviço de informação militar no campo de Kass, informou o jornal sudanês *Al-Rai Al-Aam*. Uma unidade da polícia chegou imediatamente ao local. “No tiroteio entre a polícia e os manifestantes, três civis morreram e outros dois ficaram feridos”, contou Ahmed Babikir, uma autoridade local. “Alguns manifestantes (...) atiraram contra a polícia e as pessoas que não queriam se juntar a eles, provocando a morte de um idoso e de um menino”, noticiou o periódico africano.

Acordo
 Depois de vários meses de negociações organizadas principalmente pela União Africana com os maiores grupos rebeldes de Darfur, o Movimento de Libertação do Sudão (SLM) assinou um acordo de paz em Abuja (Nigéria) com as autoridades de Cartum. Uma facção minoritária do SLM, liderada por Abdel Wahid Mohammed Al-Nur, que se opõe ao atual presidente, e o Movimento para Justiça e Igualdade (JEM) rejeitaram o acordo. O presidente sudanês, Omar El-Bashir, apelou no sábado aos grupos rebeldes para que juntem ao processo.

ECOS DO SOFRIMENTO



“Quando tentávamos escapar, os Janjaweed atiravam nas crianças. Enquanto eles nos estupravam, cantavam e diziam que somos suas escravas”
A., 37 anos, vive hoje num campo de refugiados no Chade

“Eu plantei sorgo, gergelim e milho. Mas nada cresceu. Os Janjaweed queimaram minha vila em 2003. E fizeram com que a agricultura ficasse mais difícil desde então”
Ishak Al-Bakr Abdul Mowla, 45 anos, fazendeiro

“Eu vi Aziza, de 18 anos, ter a barriga aberta durante a noite em que fomos seqüestradas. Ela estava grávida. Eles diziam: ‘É a criança de um inimigo’”
Moradora da vila de Garsila, em entrevista à Anistia Internacional

“Minha vila foi atacada e mais de 73 pessoas foram assassinadas”
Abdellatif Ismail, 46 anos. Após ter o irmão executado, ele decidiu fugir com a mulher e os filhos para Londres

“Eu dormia quando o ataque em Disa começou. Fui seqüestrada pelos invasores. Todos usavam uniformes. Eles levaram dezenas de garotas. Durante o dia, fomos torturadas. Eles nos diziam: ‘Vocês, mulheres negras, vamos exterminá-las. Vocês não têm Deus’. À noite, fomos estupradas várias vezes”
Refugiada do campo Disa, entrevistada pela Anistia Internacional em 2004



Claire Soares/Reuters/15.4.06

Claire Soares/Reuters/15.4.06